

FOTOS: EDILSON OMENA



## MOEDA SOCIAL CRIADA EM PARCERIA COM UNIVERSIDADE IMPULSIONA ECONOMIA NA PERIFERIA



Sururotes, este é o nome da moeda social que vem viabilizando uma prática importante de economia solidária e circular no bairro do Vergel do Lago, na parte baixa de Maceió, capital de Alagoas.

Com este equipamento, a economia do bairro gira e possibilita melhorias para toda a população. De modo complementar à moeda oficial (o Real), o dinheiro social carrega características próprias da comunidade.

# SURUOTES DIMINUI DESIGUALDADE E FORTALECE DESENVOLVIMENTO NO VERGEL

LUCAS FRANÇA E THAYANNE MAGALHÃES  
REPÓRTERES

WILSON BARROS  
DIAGRAMAÇÃO

**D**e modo complementar à moeda oficial (o Real), o dinheiro social chamado de Suruotes no Vergel do Lago, na parte baixa de Maceió, carrega características próprias da comunidade.

Segundo Lara Melo, responsável pela comunicação do Instituto Mandaver, a moeda social é mais um dos projetos do instituto, que iniciou as atividades em 2018 em parceria com a Incubadora de Economia Circular da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). E, em 2019, foi colocada em circulação após uma pesquisa em torno da comunidade para buscar soluções viáveis para a localidade. "Notamos que tínhamos que buscar soluções para as cascas do sururu que eram jogadas fora após a limpeza do marisco. Então, após essas pesquisas foi notado que as cascas poderiam ser transformadas em outro produto que beneficiasse as marisqueiras e pescadores - vale lembrar que houve um processo de conhecer cada um deles e suas realidades. Daí surgiram algumas ideias de fortalecimento da cadeia voltada para a economia do bairro", explica.

De acordo com Lara, dentro dessas buscas, o professor Leandro, responsável pela incubadora, viu que algo deveria ser feito com as cascas já que eram jogadas fora de forma irregular. Nesse processo surgiu a parceria com o IABS (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade). Foi identificado que as cascas poderiam ser transformadas em um subproduto. "A ideia era que as marisqueiras e o bairro tivessem algum retorno. Foi daí que surgiu a moeda social. A incubadora fez a capacitação junto a outros parceiros com o Sebrae. Capacitações foram criadas e a moeda começou a circular. A marisqueira vende o sururu e vende as cascas para o Entrepósito do IABS, que paga por cada quilo com a moeda social. E as marisqueiras gastam esse dinheiro dentro do bairro nos estabelecimentos cadastrados fazendo a economia circular. Em seguida, esses comerciantes trocam a moeda social pelo dinheiro real no Banco Laguna", em resumo é assim que funciona. "O comerciante que recebe moeda social pode trocá-la por reais, quando desejar".

## Qual o objetivo de desenvolver uma moeda social?

Existem vários prós por trás de promover um banco e uma moeda social e este é um tipo de projeto que vem ganhando cada vez mais visibilidade. O Banco Central do Brasil (Bacen) começou a dar mais atenção a partir de 2010 a esse movimento, admitindo a importância para a diminuição da desigualdade e desenvolvimento de comunidades de baixa renda.

No Vergel do Lago, mais de 20 estabelecimentos de vários segmentos já recebem a moeda social. São lojas, lanchonetes, comércio de produtos de limpeza, vestimentas e até academia. Para o empresário Klever Costa, o projeto viabiliza um crescimento maior não só para o bairro, mas para toda Maceió.

"Quando a economia de um bairro cresce, toda a cidade cresce junto, pois podemos expandir o nosso comércio para outras regiões. E essa moeda veio para fortalecer nosso comércio. Circulamos o dinheiro local aqui, mas fazemos a troca pelo Real e investimentos em outras localidades. Todos saímos ganhando. Fui um dos primeiros a aceitar a Suruotes e incentivei outros comerciantes", disse Costa.

Ainda segundo ele, cada estabelecimento é responsável por viabilizar uma melhoria de vida aos trabalhadores da lagoa. "São marisqueiras e marisqueiras que chegam para fazer suas compras com a moeda social que recebem a partir da venda das cascas do sururu que antes eram jogadas fora. A gente que recebe esse dinheiro está ajudando a manter este trabalho social e que ainda preserva o meio ambiente e dá dignidade a todos que moram por aqui", comenta Klever, convidando outros empreendimentos a se juntarem à iniciativa.

FOTOS: EDILSON OMENA



Para o empresário Klever Costa, o projeto viabiliza um crescimento maior não só para o bairro do Vergel do Lago, mas para toda a capital



Banco Central começou a dar mais atenção ao movimento de utilização da moeda social como forma de tentar reduzir as desigualdades sociais

## ECONOMIA CIRCULAR BUSCA POTENCIALIZAR TODOS OS SETORES

Para Lisania Pereira, fundadora do Banco Social Laguna e presidente do Mandaver, o principal objetivo por trás da criação do Vergel do Lago foi o "fortalecimento da economia no território, mantendo a riqueza produzida circulando no bairro". O bairro em questão, que se situa na costa da capital alagoana e é banhado pela gigante Laguna Mundaú, tem forte fragilidade econômica, com uma renda média das famílias por volta de R\$ 748,00 e uma renda per capita de R\$ 324,00. Sendo parte dessa renda, 83%, unicamente para itens de sobrevivência.

"Atualmente o funcionamento do banco se dá a partir de frentes específicas. A pri-

meira é através de uma linha socioambiental e o sururu - em que as mulheres que fazem parte da cadeia do sururu trazem a casca que vai passar pelo processo do reaproveitamento no entroposto e elas vão receber a moeda social. E a segunda linha é o microcrédito com foco na cadeia produtiva de pequenos negócios que estão iniciando ou querem acelerar. Aí elas passam por uma capacitação e treinamento e recebem o dinheiro. E a terceira frente é a parte social de transferência de renda que é o auxílio Sururrote, no qual algumas famílias que estão dentro do programa Favela 3D recebem esta ajuda enquanto estiverem no programa", explica Lisania.

Lisania explica ainda que a moeda Sururrote tem abrangência dentro do bairro para fortalecer o comércio já existente. "O banco é importante não só pelo desenvolvimento econômico, mas pela questão educacional que o banco se propõe como a educação empreendedora, ambiental, financeira e, em especial, ao fortalecimento da economia local, uma vez que circula dentro do ecossistema do Vergel, estimulando os pequenos negócios e a criação de outros".

Ainda de acordo com Pereira, atualmente o banco se encontra no caminho para expansão de novos comércios e transações dentro do território.

Além disso, há o foco de estimular novos empreendedores a surgir. "Com nosso apoio, eles podem iniciar a escala de ascensão socioeconômica. Esse cenário otimista só é possível graças a dois pilares importantes: a adesão da população para com o conceito e uso da moeda, como também os esforços em busca de qualificar e fomentar o empreendedorismo local".

CONSULTORIA DO SEBRAE  
O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) em Alagoas não ficou de fora desse projeto que apresenta importância para a economia da capital alagoana. O órgão ficou responsável pelo estudo de mercado para analisar a viabilidade da instalação do banco.

Segundo Ana Madalena Sandes, responsável no Sebrae pelos Negócios de Impacto Social, a retenção da moeda no bairro é de fundamental importância. "Ter um banco social e uma moeda social dentro de um bairro é de fundamental importância. Utilizar uma moeda social faz o dinheiro ficar no próprio bairro com a finalidade de retenção da moeda e fazendo alavancar a economia local", disse Sandes, acrescentando que o estudo realizado comprova o crescimento. "O estudo que realizamos confirmou a viabilidade e a potência que teria de crescimento e desenvolvimento para aquele local".

## CONFIRA ALGUMAS CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS DA MOEDA SOCIAL

Ela é lastreada e paritária ao Real (1 moeda social corresponde a R\$ 1); permite o câmbio, ou seja, o comerciante que recebe moeda social pode trocá-la por reais, quando desejar; tem circulação restrita a um determinado território: distrito, bairro ou município e a riqueza gerada por sua circulação é reinvestida no território sem acumulação privada.

Dessa forma, a riqueza oriunda da própria população alimenta a economia circular, que também conta com objetivos que casam com a causa do Banco Laguna, como o melhor uso de recursos naturais por meio de modelos sustentáveis de negócios, além de adotar a lógica da reciclagem, reutilização e renovação.

A economia circular busca também diminuir a dependência da população local para com alguma matéria-prima específica, como é o caso do Vergel do Lago com o sururu. O marisco basicamente deu origem econômica a essas localidades ribeirinhas da Mundaú, porém associar o desenvolvimento unicamente a ele não se mostra uma estratégia eficiente ou inteligente. E isso é mais claro ainda na situação atual, quando há uma escassez desse mexilhão ocasionada por fatores puramente naturais.

## DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL

O bairro do Vergel do Lago, em Maceió, possui um histórico de vulnerabilidade socioeconômica mesmo sendo o berço de um patrimônio imaterial do estado: o sururu. Segundo o diagnóstico comunitário, realizado entre os anos de 2021 e 2022, 78% das famílias vivem com renda menor que um salário mínimo.

## O QUE É A MOEDA SOCIAL SURUROTE

A moeda social é o meio que viabiliza a prática da economia solidária e circular, edificando estruturas próprias do território e trazendo melhorias para a população. De modo complementar à moeda oficial (no caso o Real), o dinheiro social carrega características próprias da comunidade, como no caso do Sururrote, que tem o nome em homenagem ao molusco natural das costas alagoanas, e que transformou o local graças à procura deste na culinária regional, que se tornou em 2014 uma iguaria com reconhecimento como Patrimônio Imaterial de Alagoas.

Além disso, imagens de garça, pescador, marisqueira e o próprio sururu estampam as cédulas que circulam por todo o bairro do Vergel do Lago. Em outras palavras, o processo de produção, distribuição e funcionamento é determinado pela população que vai usar a moeda.

A presidente do Mandaver explica que foram feitas oficinas com as marisqueiras e membros da comunidade e nessa ocasião elas escolheram as cores e as figuras que mais as representam dentro da comunidade.

"Hoje o principal uso da moeda está vinculado à alimentação e vestuário. Dessa forma, há diversidade de comércios vinculados como gás/água, limpeza e concertos, mas os usuários fazem aplicação maior em mercearias e lojas de moda. Essa economia circular que movimento alguns milhares mensalmente está em constante avanço", diz Lisania.

## SOBRE O INSTITUTO

O Instituto Mandaver é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) sem fins lucrativos que atua na promoção da cidadania através de ações de assistência e empreendedorismo social no bairro do Vergel do Lago, em Maceió. Seus eixos de atuação para com a comunidade são oficinas de cultura, esporte e qualificação profissional, sendo assim uma propulsora de geração de renda para diversas famílias que já impactou a vida de quase 200 mil pessoas.

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Segundo Ana Madalena Sandes, responsável no Sebrae pelos Negócios de Impacto Social, a retenção da moeda no bairro é de fundamental importância

## "COM O SURURU EU PAGO AS CONTAS E COM A CASCA EU COMPRO CARNE"

A marisqueira Joseane dos Santos, mais conhecida como Geleia, moradora da antiga comunidade Sururu de Capote há mais de 37 anos, disse que a moeda social mudou sua vida. Ela afirma que nunca imaginou ganhar dinheiro vendendo o que antes era jogado fora.

"Foi uma criação muito importante para todas as marisqueiras do Vergel. A gente vendia o sururu depois de limpo e jogávamos as cascas de forma irregular. E com essa solução encontrada pelos institutos estamos ganhando dinheiro até com a casca. Minha vida financeira

melhorou muito. Costumo dizer que com o sururu pago as contas e com a casca eu compro a carne", comemora Geleia.

Ainda segundo a marisqueira, a moeda social não só beneficia a vida econômica dos trabalhadores e dos comerciantes cadastrados no projeto, como também o meio ambiente. "Antes era muita casca acumulada na beira da lagoa e em meio ao lixo. Isso prejudicava o meio ambiente. A gente jogava porque não sabíamos como descartar de forma correta e agora está mais limpo o local", disse Joseane.

FOTO: JOÃO MENDONÇA / DIVULGAÇÃO



Presidente do Instituto Mandaver, Lisanea Pereira explica que foram feitas oficinas com marisqueiras e membros locais, quando foram escolhidas cores e figuras que mais as representam na comunidade



O Banco Comunitário Laguna e a moeda social Sururute são projetos exitosos e foram reconhecidos pela premiação conferida ao Instituto Mandaver que recebeu, no dia 23 de março de 2023, o Prêmio Educação Financeira Transforma, um dos mais importantes do país no setor, concedido pelo Instituto XP.

## ENTREPOSTO: MAIS DE 60 MIL PAGOS EM MOEDA SOCIAL ÀS MARISQUEIRAS

As cascas de sururu que ficavam a céu aberto na comunidade do Vergel do Lago viraram inovação e uma nova fonte de renda para quem vive da pesca do marisco na região. Mais de 400 famílias são beneficiadas e a moeda social alcança 20 meses selecionadas por critérios técnicos e sociais, como por exemplo: mulheres com filhas em escolas.

Segundo a diretora regional Nordeste do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade (IABS), Roberta Roxilene, o instituto possui autorização da Ufal para desenvolver ações a partir das instalações do entreposto da Universidade na orla lagunar do bairro do Vergel do Lago. Atualmente o local abarca as ações sociais de transferência de renda derivadas do beneficiamento da casca do sururu. Os trabalhos do IABS se consolidaram no local também com a formalização do instrumento jurídico da Permissão de Uso formalizada pela Gestão Central da Ufal, em abril de 2022.

Roberta lembra que o IABS fez um diagnóstico da cadeia produtiva do sururu e identificou dois principais problemas. Um deles era a quantidade de resíduos provenientes do marisco que eram jogados de forma irregular e surgiu a ideia de reaproveitar esses resíduos com a socioeconomia circular, "para despertar aquela faísca de um futuro mais digno, menos desigual, com mais possibilidades e mais inclusão com o ecossistema que abraça ações e iniciativas inovadoras voltadas para a comunidade".

"O ecossistema tem essa finalidade de colocar em prática ações e iniciativas inovadoras, para formar soluções de impacto positivo voltadas principalmente para os aspectos de justiça social na inclusão produtiva e socioeconomia circular, lastreados pelo tripé da sustentabilidade: social, ambiental e econômico", comenta Roxilene.

De acordo com a diretora, o espaço compra das marisqueiras as cascas e paga com a moeda social. "Elas recebem esta moeda e fazem suas compras nos estabelecimentos cadastrados, que trocam no banco social fazendo de fato essa movimentação - é de fato uma cadeia circular. Todos saem ganhando. Aqui a casca passa por um processo de armazenamento, trituração e é transformado no produto final. Estes produtos, o cobogó, têm em 62% da sua matéria prima as cascas do sururu. E para manter a movimentação financeira com a unidade fabril e a moeda social, precisou registrar uma Empresa Social voltada ao beneficiamento e comercialização do cobogó (peça artesanal confeccionada com a casca do sururu e vendida por empresas alagoanas)".

O produto desenvolvido no entreposto do sururu em parceria com a Portobello é uma das principais iniciativas do ecossistema, tendo gerado a coleção de Cobogó Manduati.

Roxilene diz que essa parceria já retirou do meio ambiente 131 toneladas de resíduos. "Além disso, foram repassados para as mães marisqueiras mais de 60 mil em moeda social e em trabalho com funcionários em regime de CLT, 220 mil reais. Todos os funcionários são provenientes da comunidade da orla lagunar".



Professor Leonardo Leal, do Campus Arapiraca da Ufal, chegou ao Vergel do Lago com a missão de criar finanças solidárias, fomentar a produção e fortalecer o consumo



Marisqueiras podem trocar as cascas de sururu para receber os Sururutes; moeda circula na comunidade e elas a utilizam no comércio local credenciado

### MISSÃO: Investir em empreendimentos comunitários e produção para fortalecer o consumo

Criar instrumentos de finanças solidárias para fomentar o desenvolvimento local do bairro Vergel do Lago, por meio da criação de um banco comunitário e uma moeda social para investir em empreendimentos comunitários de produção e serviços e para fortalecer o consumo. Foi com essa missão que o professor Leonardo Leal, do Campus Arapiraca da Ufal chegou ao bairro do Vergel do Lago para trabalhar em parceria com a comunidade, o Instituto Mandaver, o IABS e o AGT (@agenttransforma).

Em 2019, por meio da Incubadora Tecnológica de Economia Solidária (Ites) da Ufal, o docente conta à Tribuna Independente que realizou o trabalho cujo foco foi promover o acesso a serviços financeiros solidários para as famílias de pescadores e marisqueiras do bairro que, em sua maioria, não tinham acesso aos serviços ou encontravam dificuldades para conseguir crédito nos bancos comerciais.

"Com esse projeto, surgiram o Banco Comunitário Laguna e a moeda social Sururute. O êxito da iniciativa foi reconhecido pela premiação conferida ao Instituto Mandaver que recebeu, no dia 23 de março de 2023, o Prêmio Educação Financeira Transforma, um dos mais importantes do país no setor concedido pelo Instituto XP, braço de ações sociais do banco de investimentos XP", conta, orgulhoso.

A iniciativa realizada pela Ites da Ufal é pioneira no Estado de Alagoas e, além do trabalho realizado no Vergel do Lago, já realizou iniciativas similares no município alagoano de Igarci, em parceria com a Associação de Agricultores Alternativos (Aagra), que criou o Banco Comunitário Olhos D'Água.

No caso do Vergel do Lago, a preocupação era sanar um problema ambiental e aumentar o rendimento das famílias de pescadores e marisqueiras. "O bairro é atingido por vários vetores de vulnerabilidade socioeconômica e vive em condição de extrema pobreza. A principal fonte de renda vem do extrativismo do sururu na Laguna Manduati. Uma família composta por cinco pessoas trabalhando com o molusco só consegue obter uma renda de meio salário mínimo por mês. E ainda há o problema do descarte inadequado das cascas de sururu, que produz altos volumes de poluição ambiental, implicando em alto custo de limpeza urbana", explicou Leonardo Leal.

Como solução, a proposta que foi desenvolvida foi a criação da moeda social Sururute e do Banco Laguna. "As marisqueiras da comunidade podem trocar as cascas de sururu e receber até 300 Sururutes por mês. A moeda social circula na comunidade e elas utilizam no comércio local credenciado, comprando itens da cesta básica, higiene pessoal e remédios", destacou o professor.

Ao explicar a cadeia produtiva até chegar ao Sururute, o professor detalha que o marisco é extraído da Laguna Manduati, lavado, pesado, embalado e vendido pelas marisqueiras e pescadores da comunidade. Após esse processo, as cascas são coletadas e levadas pelas marisqueiras a um ponto de coleta para serem pesadas e trocadas pela moeda social.

Já as cascas recolhidas pelo Mandaver são usadas para a confecção de cobogós - idealizados pelos arquitetos Rodrigo Ambrósio e Marcelo Rosenbaum e pelo artesão Itamarci dos Santos - e, depois, comercializados no mercado brasileiro de arquitetura e design. A produção do cobogó é realizada por uma empresa social gerenciada em parceria entre o IABS e a comunidade.

O resultado obtido com as vendas dos cobogós é revertido para um fundo que alimenta a circulação da moeda social e a geração de renda para comunidade. Desse modo, se dá a sustentabilidade do projeto. Em relação ao impacto socioambiental, a comunidade registra a redução do descarte das cascas de sururu.

## ECONOMISTA DESTACA DESENVOLVIMENTO

Para o economista Cícero Périles, estas iniciativas são positivas, colaboram e contribuem para o desenvolvimento local. "Mas, como são de pequeno porte, com pouco capital, atuando em espaços restritos, como bairros ou pequenos municípios, seus efeitos não têm o mesmo impacto econômico e social de mecanismos mais conhecidos, como o microcrédito produtivo, seja urbano, como o CrediAmigo, ou rural, como o Agroamigo, ambos operacionalizados pelo Banco do Nordeste, ou mesmo o conhecido Pronaf, ofertado por bancos estatais, que atendem a milhares de famílias e movimentam muitos milhões de reais nas

localidades alagoanas", explica o especialista.

Ele explica que o Sururute, a moeda social criada no Vergel do Lago, pelo Instituto Mandaver, com o apoio da prefeitura de Maceió e do Schraie, faz parte de um movimento de criação de instituições financeiras populares, como o Banco Laguna, uma iniciativa de caráter social e não apenas financeiro, cujo objetivo central é o de estimular a economia local pela oferta de um meio de pagamento que circula em uma área determinada, bairro ou município, produzindo efeitos positivos no comércio e na produção de mercadorias destes espaços.

"As experiências brasileiras da moeda social acumulam algumas décadas e já são mais de 150 iniciativas reconhecidas pelo Banco Central. O caso mais conhecido é o do Banco Palmas, em Fortaleza. Aqui em Alagoas existem algumas boas experiências de finanças populares, como as cooperativas de crédito: uma no Agreste, em Igarci; outra no Sertão, em Pão de Açúcar; ou do Banco Cidadão, em Maceió. Já o banco popular, que emite dinheiro em forma de moeda social, é uma novidade, surgida há poucos anos, que está se espalhando", disse o economista à Tribuna.

Ele conta ainda que, na Coop-

erativa Pindorama, desde 2016, vem sendo desenvolvida a "Bertholet", uma moeda social cujo nome é uma homenagem ao fundador da Cooperativa Pindorama, localizada em Coruripe. "Essa moeda social foi adotada por dezenas de empresas locais e circula no espaço da cooperativa, que tem 1.300 associados. No ano passado surgiu uma nova iniciativa, também regulamentada pelo Banco Central: a 'Caatinga', uma moeda social que circula em municípios sertanejos, como Batalha, Jaramatãis e Major Isidoro, inspirada num projeto do Movimento dos Trabalhadores do Campo, com o apoio de várias instituições",

conta Périles.

Ele acrescenta que as novidades na área das finanças populares não param de acontecer e se espalham pelos municípios. "Em Piaçabuçu, município na foz do São Francisco, foi aberto, recentemente, o Banco É da Gente, um experimento comunitário que pretende desenvolver a moeda social circular na economia municipal. Em Limoeiro de Anadia, uma localidade do Agreste, com o apoio da Universidade Federal de Alagoas, foi criado o Banco Comunitário Municipal que lançou a moeda social livre, um meio eletrônico de pagamento de circulação local", disse o economista.